

Retrato de Bocage em nove sonetos

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Retrato de Bocage em nove sonetos", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 365-370.

RETRATO DE BOCAGE EM NOVE SONETOS

RETOMAMOS hoje as *Imagens da Poesia Europeia* — e retomamo-las no ponto exacto em que as deixámos há pouco mais de dois meses. Nessa altura, ao falarmos de Tomás António Gonzaga, prometemos então que a emissão seguinte viria a ser consagrada a Bocage; e, embora dois meses depois — *mea culpa! mea culpa!* —, a emissão seguinte... é a de hoje.

Mas, em vez de falarmos de Bocage, deixemos antes que ele nos fale de si próprio. Exceptuando Camões, não há poeta português cujo nome, pelo menos, seja tão conhecido; nem há outro em redor de cuja figura tantas lendas se tenham tecido, tantos equívocos se tenham criado, tantas fantasias se tenham vindo a acumular. De qualquer modo, sabe-se — ou julga-se saber — o essencial acerca da sua biografia: que nasceu em Setúbal, nesta casa modesta da Rua de São Domingos, a 15 de Setembro de 1765; que passou grande parte da adolescência em Lisboa e de Lisboa partiu aos vinte anos, com o posto de guarda-marinha, a caminho da Índia.

Foi, no entanto, muito antes disso, que o seu espírito recebeu as duas grandes «revelações» que por completo haveriam de modelar-lhe o destino: a revelação da poesia, a revelação do amor. A acreditarmos nas palavras do poeta (e por que razão não haveremos de acreditar?), as duas «revelações» terão sido praticamente simultâneas e ambas tiveram lugar durante a sua mais tenra infância. Assim, as Musas (a que ele, arcaicamente, também chama Camenas) e Eros (o Deus-Menino) terão tratado, quase logo a partir do berço, de conjugar as suas acções:

*Das faixas infantis despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente;
Meu tenro coração inda inocente
Iam ganhando as plácidas Camenas.*

*Faces gentis, angélicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgente,
Da ideia me extraíam de repente
Mil simples, maviosas cantilenas.*

*O Tempo me soprou fervor divino,
E as Musas me fizeram desgraçado,
Desgraçado me fez o Deus-Menino.*

*A Amor quis esquivar-me e ao dom sagrado;
Mas vendo no meu gênio o meu destino,
Que havia de fazer? Cedi ao fado.*

O que há efectivamente de mais importante, aqui, é a conjugação dos dois motivos: e, a partir dessa conjugação — em que o próprio tempo também desempenha um papel de relevo —, eis que se esboça, definitivamente, um destino e um clima de fatalidade.

O Tempo...! Já agora, o Tempo em que Bocage viveu. Foi um «tempo» que lhe pregou, no fim de contas, as maiores partidas — porque era ainda, por um lado, um «tempo» do grande rigor neoclássico, «tempo» regido por mecanismos de extrema precisão, e, por outro, um «tempo» em que a razão principiava a adormecer e justamente a engendrar, durante o sono, os mais tenebrosos monstros, o romântico apetite dos maiores horrores:

*Ó retrato da Morte! Ó Noite amiga,
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!*

*Pois manda Amor que a ti somente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumás, ouve, enquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga.*

*E vós, ó cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!*

*Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.*

Típico produto de uma época de transição, Bocage oferece-nos simultaneamente um mundo regido ainda pelas divindades da mitologia clássica e já percorrido pelos grandes frémitos românticos da nossa poesia:

*Fiei-me nos sorrisos da Ventura,
Em mimos feminis. Como fui louco!*

*Vi raiar o prazer, porém tão pouco
Momentâneo relâmpago não dura.*

*No meio agora desta selva escura,
Dentro deste penedo húmido e oco,
Pareço, até no tom lúgubre e rouco,
Triste sombra a carpir na sepultura.*

*Que estância para mim tão própria é esta!
Causais-me um doce e fúnebre transporte,
Áridos matos, lôbrega floresta!*

*Ah!, não me roubou tudo a negra Sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.*

Mas há outro Tempo ainda a comandar, por dentro, as Rimas de Manuel Maria Barbosa du Bocage: o Tempo que é fuga, fluidez, corrida, em contraste com a Eternidade que atrai e aterra o poeta:

*Aquele a quem mil bens outorga o Fado,
Deseje, com razão, da vida amigo,
Nos anos igualar Nestor, o antigo,
De trezentos invernos carregado.*

*Porém eu sempre triste, eu desgraçado,
Que só nesta caverna encontro abrigo,
Porque não busco as sombras do jazigo,
Refúgio perdurável e sagrado?*

*Ah, bebe o sangue meu, tosca morada,
Alma, quebra as prisões da humanidade,
Despe o vil manto que pertence ao nada!*

*Mas eu tremo!... Que escuto?... É a Verdade,
É ela, é ela que do Céu me brada...
Oh, terrível pregão da Eternidade!*

Já repararam como há cavernas, furnas, «penedos ocos» nas poesias de Bocage? Por suprema ironia do destino, coube-lhe ainda a desdita de conhecer — graças aos lances patéticos da sua existência tumultuosa — uma espécie muito particular de «cavernas», estas artificiais, que os homens «fabricam» para encerrar os seus semelhantes: as prisões, os cárceres, as masmorras:

*Em sórdida masmorra aferrolhado,
De cadeias aspérrimas cingido,
Por ferozes contrários perseguido,
Por línguas impostoras criminado;*

*Os membros quase nus, o aspecto honrado
Por vil boca e vil mão, roto e cuspidado,
Sem ver um só mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado;*

*O penetrante, o bárbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitável Morte
Olhando já na mão do algoz cruento.*

*Inda assim não maldiz a iníqua Sorte,
Inda assim tem prazer, sossego, alento,
O Sábio verdadeiro, o Justo, o Forte.*

Esta consciência (muito rara) da justiça e da força que lhe assistem leva por vezes o nosso poeta a ultrapassar-se, a ultrapassar os muros das cavernas em que habitualmente se encerra (ou por vezes o encerram), para atingir pontos mais elevados, de onde consegue examinar, mais detidamente, as suas próprias contradições:

*Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo
Como fervem no pego as crespas vagas.*

*Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vês nele (ai de mim!) palpando e vendo
De agudas ânsias venenosas chagas.*

*Cego a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objectos de horror co'a ideia eu corro,
Solto gemidos, lágrimas derramo.*

*Razão, de que me serve o teu socorro?
Mandas-me não amar: eu ardo, eu amo;
Dizes-me que sossegue: eu peno, eu morro.*

Bocage, é capaz de realizar um lucidíssimo exame de consciência — dos mais belos e pungentes que alguma vez se escreveram em língua portuguesa:

*Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah!, cego eu cria, ah!, mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.*

*De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não doirava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem dana.*

*Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos.*

*Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.*

E, depois deste soneto, é inevitável evocar-se mais outro — o chamado «soneto ditado na hora da morte» — em que se diria que Bocage procura pôr em prática esse «saber morrer». Mas eu só pergunto (ao contrário, talvez, da maior parte dos admiradores da sua poesia) se afinal se trata, efectivamente, de um exemplo de «saber morrer» esse receoso arrependimento da última hora... Mas não interessa a minha opinião; os ouvintes que julguem:

*Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura.*

*Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento.
Musa!... Tivera algum merecimento,
Se um raio da razão seguisse, pura!*

*Eu me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:*

*«Outro Aretino fui... A santidade
Manchei... Ob!, se me creste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na Eternidade!»*

Mas agora reparo: com tudo isto, deixámos pelo caminho a biografia do poeta. E no entanto pergunto: teremos realmente deixado? No fim de contas, abandonámos apenas a biografia externa — aquela que a maior parte das pessoas conhece ou pode conhecer — para sugerirmos, por outro lado, algumas das grandes linhas da sua biografia interior. E competirá agora, a cada um, ver até que ponto as duas coincidem ou se distinguem.

De qualquer modo, para os que apreciam os factos exteriores, aqui fica ainda a imagem do prédio da Travessa André Valente, em Lisboa, onde o poeta morreu, com quarenta anos, e na maior miséria, em 21 de Dezembro de 1805.

Mas falta ainda uma outra coisa: o auto-retrato físico (e não só) do nosso poeta. Em verso, também. Um soneto, também:

*Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;*

*Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que à ternura;
Bebendo em nêvas mãos por taça escura,
De zelos infernais letal veneno;*

*Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) num só momento,
E somente no altar amando os frades,*

*Eis Bocage, em quem luz algum talento;
Saíram dele mesmo estas verdades,
Num dia em que se achou mais pachorrento.*